



[Da esquerda para a direita] Ana Rita Delgado e Paulo Pinheiro, estudantes de Medicina que fizeram voluntariado em São Tomé e Príncipe, e João Luís Batista, coordenador do projeto «Querer e Fazer»

Projeto de voluntariado em São Tomé e Príncipe

Uma experiência “enriquecedora”

VOLUNTARIADO. Jovens do curso de medicina da UBI têm a oportunidade de participarem durante um mês numa «missão» em São Tomé e Príncipe. Ana Rita Delgado e Paulo Pinheiro contaram a experiência ao fórum Covilhã, considerando que “foi enriquecedora” e “muito importante para o futuro profissional”

Ricardo Tavares

Paulo Pinheiro, aluno de medicina da UBI e presidente do Núcleo de Estudantes de Medicina da academia, foi um dos estudantes que já vivenciou a experiência “enriquecedora sobre diferentes pontos de vista” de passar um mês em São Tomé e Príncipe, participando neste programa de voluntariado, intitulado «Querer e Fazer». “É uma experiência enriquecedora sobre diferentes pontos de vista, desde já profissional, como estudantes, e creio que nos dá mais-valias para o futuro. Primeiro, porque vemos patologias inexistentes aqui. Vimos vários casos de malária e, se chegar aqui uma pessoa com febre em que os sintomas sejam malária, podemos perguntar-lhe se esteve num desses países”, exemplifica. “Do ponto de vista humano ganhamos muita coisa, seja pelo que vimos, pela realidade que não nos é tão próxima no quotidiano, e acabamos por ter experiências pontuais que nos fazem pensar um pouco”, refere.

Ana Rita Delgado também já esteve em São Tomé e Príncipe, considerando que “a experiência é muito importante para um estudante de medicina”. “Todos os estudantes deviam ter a oportunidade de ir para um sítio, em que lidassem com uma realidade hospitalar completamente diferente, para também saberem qual é a sua capacidade de responder aos problemas que surgem”, acrescenta.

A criação de “capacidades de adaptação” é uma das mais-valias destacadas por Ana Rita Delgado, com a participação neste programa de voluntariado. “Sentimo-nos independentes enquanto estudantes de medicina, porque os pacientes olhavam para nós já como médicos e com a ideia de que nós conseguiríamos solucionar o problema.

Para além de termos de nos habituar ao contexto temos uma carga muito grande de responsabilidade em relação ao que os outros esperam de nós”, sublinha.

Os estudantes que participam neste projeto de voluntariado, para além do seu contributo, também levam medicamentos para este país, que anteriormente recolhiam junto das farmácias. Contudo, Paulo Pinheiro prefere destacar “o trabalho que fazemos in loco. Não obstante do material ser importante, o acompanhamento e os conhecimentos que transmitimos são, sem dúvida, a componente mais importante”. O aluno de medicina dá como exemplo, a formação transmitida aos colaboradores de um orfanato, que “permite prevenir alguns problemas”.

Um projeto em construção

Desde 1981 que João Luís Batista, professor na faculdade de medicina da Universidade da Beira Interior (UBI), coordena o projeto «Querer e Fazer». A iniciativa que esteve sempre sediada na Escola Nacional de Saúde Pública e na Universidade Nova de Lisboa, teve um interregno de 4/5 anos, e foi “reativada” com a vinda de João Luís Batista para a UBI, contextualizou o docente. “É um projeto com algum historial, já estivemos presentes em todos os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), com alunos de todas as universidades do país na área da saúde, excepto de Braga e de Aveiro”, começa por referir João Luís Batista. Na globalidade, oito centenas de alunos passaram pelo projeto «Querer e Fazer», e com a sua implementação na UBI, a ideia foi iniciar o voluntariado em São Tomé e Príncipe, o que acontece desde outubro e com a ida mensal de um

novo grupo de quatro/cinco estudantes de medicina da UBI para este país.

Este projeto de voluntariado tem vários objetivos. Os alunos passam um mês num ambiente diferente e, em contacto com patologias que não vêem na Europa, o que “os pode ajudar em termos globais a serem melhores”, considera o docente.

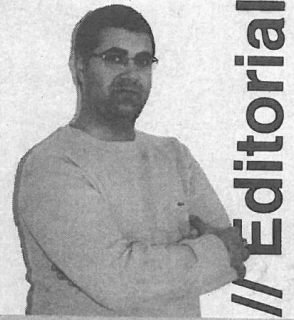
Paulo Pinheiro e Ana Rita Delgado aconselham todos os estudantes a participarem neste projeto. No entanto, implica disponibilidade financeira do aluno que pretende realizar voluntariado neste país. “A ida a São Tomé é um investimento que tem de ser pensado, representa dinheiro investido na formação e numa experiência que pode trazer frutos no futuro”, refere Ana Rita Delgado.

João Luís Batista, coordenador do projeto, salienta que “a vontade era que todos os estudantes pudessem ir” e, nesse sentido, “é necessário proceder a uma recolha de fundos, um deles é o jantar que vamos realizar na quarta-feira”. “Para já todo o dinheiro será investido na casa que temos em São Tomé e Príncipe, porque precisa de alguns arranjos, mas futuramente, esperamos poder ajudar alunos que queiram participar neste programa de voluntariado, e que ainda não o tenham feito por dificuldades financeiras”.

O coordenador do projeto «Querer e Fazer» mostra-se satisfeito por haver uma lista enorme de alunos de ciências farmacêuticas com vontade de também participarem neste programa de voluntariado. “O objetivo é que alunos de outros cursos também realizem esta «missão», referiu.

Há pedidos para participar no projeto «Querer e Fazer» de alunos das Universidades de Évora, Faro, Coimbra, Porto, Braga, Salamanca e Manchester. “Não estamos organizados para dar esta resposta, mas podemos no futuro avançar para algo mais estruturado”, diz João Luís Batista. Também é objetivo do docente alargar este projeto a países como o Brasil, Timor, entre outros países, mas “para já não é mais do que um sonho”, refere.

O docente destaca ainda a “abertura de portas” resultante da participação neste projeto. “Há muito poucos portugueses nos organismos das Nações Unidas. São estas experiências que muitas vezes fazem a diferença, quando os profissionais de saúde concorrem, por exemplo, à UNICEF, ou à UNESCO”, realça.



Vitor Aleixo
Diretor

// Editorial

Minas da Panasqueira: Um problema para resolver

«Quantas vezes os portugueses já não pagaram do seu bolso erros tomados no passado? Quantas vezes os portugueses não pagaram do seu bolso opções erradas de quem governa? Só que desta vez com uma diferença: Desta vez estamos a falar de postos de trabalho que se podem perder, e de muitas famílias que podem passar a viver um drama»

As minas da Panasqueira continuam a dominar o debate local. Na passada semana houve algumas notícias em relação a este tema, e em abono da verdade não foram muito animadoras. Primeiro vamos abordar a reunião que os presidentes das autarquias da Covilhã, Fundão e Pampilhosa da Serra tiveram com o ministro da Economia António Pires de Lima. Os autarcas levaram propostas, mas nem todas foram aceites pelo responsável desta pasta. Pires de Lima salientou que os contribuintes “não têm que pagar por maus negócios, ou erros de administração”. Neste âmbito concordamos, os contribuintes não têm que ser responsabilizados por más opções dos gestores públicos, ou insuficiências económicas de uma ou outra empresa privada. Mas este caso é ligeiramente diferente. Primeiro porque as minas da Panasqueira são um motor de desenvolvimento da região e empregam centenas de trabalhadores, e se os despedimentos se vierem a confirmar, ou se porventura as minas deixarem de laborar, estaremos perante um grave problema social, e aqui o Governo terá obrigatoriamente de intervir. Sabemos que os contribuintes não têm que pagar pelos erros dos administradores de empresas privadas, mas quantas vezes os portugueses já não pagaram do seu bolso erros tomados no passado? Quantas vezes os portugueses não pagaram do seu bolso opções erradas de quem governa? Só que desta vez com uma diferença: Desta vez estamos a falar de postos de trabalho que se podem perder, e de muitas famílias que podem passar a viver um drama.

Mas no que concerne à questão das minas da Panasqueira também estranhamos que só se fale em crise quando vem à tona o aumento de salários por parte dos trabalhadores. Todos sabemos que o preço do volfrâmio teve uma queda, mas a empresa também deve ter um papel mais proativo no encontro de soluções, isso é importante para o crescimento da sua produtividade. Quando uma empresa é notícia na comunicação social por motivos menos bons, como críticas dos trabalhadores, greve ao trabalho, entre outras, pois neste momento é quem pode ter um papel importante a dizer em relação a esta questão, porque também neste âmbito, não basta ao governo dizer apenas, e só, que está “preocupado”.